

Adolescentes tumultuam Octogonal

25 JUN 1996

CORREIO BRASILENSE

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

Desde as últimas férias de verão, os síndicos, porteiros e moradores da Octogonal 06 não têm conseguido dormir em paz. Um grupo de aproximadamente 20 jovens uniu-se para colocar fogo nos elevadores, dar cavalo de pau em frente ao bloco D e ouvir as paradas do sucesso até muito depois de meia-noite.

No entanto, a técnica mais criativa e perigosa dos jovens é apertar o botão de emergência dos elevadores do bloco B, sair de dentro deles e fechar a porta bem devagarinho.

Assim, ela permanece destravada e um morador menos avisado pode acabar caindo no poço, machucando-se ou até morrendo.

Um comunicado foi firmado pela presidente do Conselho de Síndicos da quadra, Regina Célia Jussiani Pohle, dizendo que desde janeiro os adolescentes revoltaram-se com os porteiros que os obrigavam a manter a lei do silêncio e não os deixavam fazer algazarras debaixo dos prédios.

“Começaram a tomar atitudes condenáveis como fazer xixi nos elevadores, nas escadas e pichar as paredes do bloco B”, afirma a cartacircular também assinada pelos moradores da Octogonal, Daniel do Carmo e Walmir Montalvão.

Por causa do perigo nos elevadores, uma assembléia realizada entre os moradores do bloco B, no dia 16 de maio, estabeleceu que a Polícia Militar será acionada quando houver barulho excessivo, produzido pela gangue. Dois moradores do prédio foram até a 3ª Delegacia de Polícia, no Cruzeiro, registrar queixa-crime.

RADICAL

“Essas aprontações existem desde a minha época. Só que antes nós não éramos tão radicais assim”, afirma Fabrício Freire, 21 anos.

Outro dia desses, ele estava debaixo do prédio e viu nove rapazes unirem-se para bater em uma moça. “Era de noite e um deles apareceu do nada e começou a dançar do lado dela. Levou um bofetão da mulher e não gostou nem um pouco”, lembra Fabrício.

Leonardo Brito, 17 anos, mora há dois anos na Octogonal e está perplexo com a bagunça que a moçada anda fazendo. “Eu vi uma cena cômica. Menininhos de 12 e 13 anos brigaram com duas empregadas, elas saíram correndo e eles foram atrás”, ri Leonardo.

Mas a síndica Regina Célia não tem motivos para rir. “Estamos vivendo o primeiro problema em Brasília de crianças que crescem em condomínio fechado. Por enquanto estou tentando usar a técnica da conversa, mas nem sempre dá certo”, relata.

Segundo Regina Célia, o mais difícil é educar os pais das crianças. “Eu vou conversar com eles quando peço as crianças em flagrante e eles dizem que é impossível, que o filho jamais faria uma coisa dessas”, argumenta.

O zelador Mariano Correia, do bloco A, é um exímio apagador de incêndios. Semana passada, ele mostrou as paredes de elevadores queimadas. “A garotada coloca papel aqui dentro e toca fogo. Quando a gente vai ver as cinzas estão no chão e as paredes todas queimadas”, diz Mariano.

TUDO ORGANIZADO

Quem pensa que os pestinhas da Octogonal 06 não são organizados está errado. Eles se dividem em grupos, escolhem horários e lugares certos para fazer os peguinhos e até formaram um grupo especializado em atazanar porteiros.

“Eu já fiz parte do Grupo Anti-Porteiros (Gap). Nós subíamos no telhado dos blocos e não descíamos



A Galera da AOS 06 ouve música no mais alto volume incomodando os demais moradores, põe fogo nos elevadores, suja os prédios e picha paredes

enquanto eles nos pedissem para descer. Quando eles estavam distraídos, nós roubávamos a cadeira”, conta Tatiana Nery, 14 anos.

O odontólogo Décio Nery, pai de Tatiana, conta que nunca teve reclamações da menina, mas que frequentemente o síndico vem contar alguma arte de Fernando, o filho mais velho que hoje tem 16 anos.

Mais conhecido como Febem, pelos amigos da quadra, Fernando já quebrou vidraças de carro e tem o hábito de esvaziar os extintores de incêndio. Hoje ele reduziu a bagunça, mas sempre acaba pagando o pato pelos outros. “Cria fama e deita na cama”, filosofa o pai.

Fernando costumava roubar o carro de Décio para desfilarem na quadra de a galera. Percebendo que não adiantava proibir o menino, o pai permite que ele manobre o carro de vez em quando. “Também deixo

que o Fernando vá até o Cruzeiro buscar a namorada”, revela.

Segundo Décio, o problema dos adolescentes é que querem fazer suas próprias regras e ir contra o que já foi estabelecido.

“Vou fazer uma reunião com todos os pais da quadra para estabelecer onde e em que condições os jovens e crianças podem brincar na quadra”, conta a presidente do Conselho de Síndicos, Regina Célia.

Ela recebeu um abaixo-assinado onde um terço dos moradores da quadra pedia explicações sobre onde, afinal, a garotada pode brincar e se encontrar.

APELIDOS

A farra da Galera da AOS 06, como se auto-nomearam os pestinhas, começa às 18h. Eles vão chegando da escola e ficam debaixo dos prédios, principalmente do bloco D,

onde namoram e riem aos brados de qualquer bobagem que um colega comente.

“O horário do silêncio começa às 22h, às vezes o porteiro vem chatear a gente antes das 21h, aí nos revoltamos e aumentamos o som do carro”, conta Tiago Chaguinha, 16 anos.

Ele tira a camiseta e finge que vai acertar a cabeça dos colegas com um taco de baseball. Na brincadeira acusa o amigo Hugo Bozo (por causa do cabelo), 15 anos, de estar pichando os degraus das escadas do prédio. “E olha que o Bozo é filho de um deputado distrital”, comenta.

Sem qualquer inibição, eles chamam todos os aprontões para falar ao Correio Brasileiro. “Quero ser famoso, nem que seja como marginal”, diz Soneca, 15. Os apelidos da meninada mostram que todos têm realmente uma atração pela

malandragem: Gustavo Barriguiha, Fabiano Besouro, Rodrigo Raio-X, etc. Tem também o casal apaixonado Melisa e Leonardo e o Galã, que mais parece com Miguel Falabela fazendo o papel de Caco Antibes.

As meninas Daniela, Marcela, Isabela e Andréa ficam só de longe, paquerando.

Se os síndicos enlouquecem, tem gente que gosta da trupe escandalosa. É o caso de dona Dioceli Riera, 78 anos, uma vovó do barulho.

Dona Dioceli prefere usar de simpatia para conquistar os jovens. “Outro dia desses eles quiseram fazer birra com o meu marido e sentaram enfileirados nas escadas do prédio para não nos deixar passar. Eu pedi que um deles me ajudasse, dando a mão. Na mesma hora eles cederam. É só ter psicologia”, ensina a velhinha.